

VINÍCIUS DE MORAES:
POESIA QUE ROMPE A ALMA

Tatielly Almeida Santos¹

Maria Aline Belizário dos Santos²

Prof. Dr. Moisés de Melo Neto³

Resumo: *A segunda geração modernista (1930-1945), representa o segundo momento do movimento modernista no Brasil, dando origem a chamada “Geração de 30”. Na poesia, Vinícius de Moraes destacou-se por apresentar-se como uma figura multifacetada, manifestando uma linguagem poética rica. Trata-se de uma lírica onde o sujeito amoroso é facilmente identificado. Assim, este trabalho intitulado como, Vinícius de Moraes: poesia que rompe a alma, busca expor, sobretudo a linguagem poética utilizada pelo autor, analisar um dos seus sonetos mais enaltecidos, o soneto de fidelidade, exposto no livro “Poemas, Sonetos e Baladas” (1964) como também analisar o modo como o mesmo é exposto nos manuais de literatura para o ensino médio. Nossa escolha por Vinícius de Moraes dar-se-á pela representação do amor nesta escrita. Apesar de ser um poeta muito estudado, tendo uma boa parte da sua obra voltada para o belo e para a paixão sem limites, resta-nos dar a nossa visão sobre este tema na sua grande produção. Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico, tendo por base os teóricos BOSI (2006), MOISÉS (2001) e BARTHES (2003), entre outros e constituiu-se por meio da realização de leituras, a leitura do soneto, artigos acadêmicos e resenhas relacionadas à temática abordada. O estudo está interligado ao Núcleo de Pesquisa em Estudos Literários Arte e Ensino - NELLIEN, pela Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, no qual será desenvolvido tendo como princípio abordar o sujeito amoroso presente na poesia de Vinícius de Moraes, este artista da palavra, que permanece vivo nas gerações atuais, manifestando a sua essência como poeta que faz romper a alma através da poesia.*

Palavras-chave: *Literatura Brasileira. Poesia. Vinícius de Moraes. Sonetos.*

Introdução

A segunda geração modernista, ocorrida entre (1930-1945), demarca o segundo movimento modernista no Brasil, dando origem a chamada “Geração de 30”. Muitos especialistas da área afirmam que esta geração manifestou um período muito fértil e rico para a literatura brasileira, pois a mesma vivenciava uma fase de maturação, com a concretização e afirmação de novos valores modernos. Além da prosa, a poesia foi um

¹ Graduanda em Letras/Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *campus* Palmeira dos Índios. E-mail: Tatielly127@gmail.com

² Graduanda em Letras/Português pela Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *campus* Palmeira dos Índios. E-mail: alinebelizario30@hotmail.com

³ Professor do curso de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), *campus* Palmeira dos Índios. Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: moises@moisesneto.com.br

grande foco dos literatos. Temas nacionais, sociais, históricos e existencialistas foram enaltecidos pelos escritores dessa fase.

A poesia brasileira moderna, em meio a várias transformações no século XX, é entendida com uma expressão a realidade social, pois os modernistas fazem uma abordagem de aspectos do cotidiano através da sua liberdade de expressão por meio da poesia. Porém, diversos autores manifestaram também uma linguagem altamente poética, carregada de um lirismo inconfundível.

Vinícius de Moraes configurou-se como um dos poetas mais enaltecidos desta época, por expor uma linguagem poética rica, onde o sujeito amoroso é facilmente identificado. Logo, a presente pesquisa propõe investigar sobre a temática amor-paixão, aspectos tão essenciais na obra do autor, na qual evidenciam a voz poética presente no discurso lírico-amoroso deste.

Assim, o referido estudo acerca da poesia amorosa de Vinícius de Moraes está centrado no processo de investigação constituído a partir de pesquisa bibliográfica, onde são analisados de maneira descritiva a linguagem utilizada pelo autor.

O trabalho divide-se em cinco tópicos: o primeiro vem abordar de um modo mais aprofundado acerca da segunda fase modernista, especificamente na poesia. O segundo item traz a cerne uma discussão voltada à poesia lírica. O terceiro, apresenta a figura multifacetada que foi Vinícius de Moraes, destacando sua relevância para a literatura brasileira na modernidade. No quarto, abordar-se-á a produção poética de Vinícius. Logo em seguida, o quinto tópico, relata sobre o amor em Vinícius de Moraes, evidenciando o discurso amoroso deste e buscando por meio disto enfatizar a linguagem poética utilizada pelo autor. No sexto ponto, como *corpus* da pesquisa analisou-se o soneto de fidelidade e no sétimo e último tópico, apresentar-se-á a abordagem do soneto nos manuais de literatura para o ensino médio.

1. A segunda fase modernista - (Geração de 30)

A segunda fase modernista na poesia, corresponde ao período de amadurecimento e consolidação das conquistas da fase anterior - da geração de 22. Os autores não apresentavam mais o caráter destruidor e irreverente de antes. Devido à grande produção, didaticamente, costuma-se dividir essa fase em produções em prosa e produções em poesia.

A poesia da segunda fase do modernismo é a representação de um aprofundamento das conquistas da geração de 1922, pois nota-se a influência exercida por Mário e Oswald de Andrade sobre jovens que iniciaram sua produção poética depois de ser realizada a Semana de Arte moderna.

Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes e Murilo Mendes foram alguns dos grandes nomes que configuraram essa geração de 30. A temática dessa fase é bem variada: Drummond e Murilo Mendes voltaram-se mais para os aspectos da sociedade capitalista e para as questões universais do homem. Já Cecília Meireles e Vinícius de Moraes, embora também apresentando aspectos universais, voltaram-se para uma poesia mais espiritualista. Em Cecília e em Murilo Mendes também encontramos fortes marcas religiosas e místicas. Os poetas optaram pela liberdade temática, o gosto da expressão atualizada ou inventiva, o verso livre e o antiacademicismo.

2. A poesia lírica

O vocábulo “lírica”, do latim lyricus e do grego lyrikós, significa “cantar ao som da lira”. A significação desse vocábulo tem estreita articulação com a sua etimologia, pois, no início, denominava uma canção entoada ao som da lira, caracterizando assim o consórcio entre música e poema ou entre a melodia e as palavras. Essa modalidade poética fora criada pelos gregos no século VII a. C., permanecendo até a Renascença, século XVI, época em que seu significado inicial, ou seja, o de poesia cantada, entrou em desuso por causa do advento da imprensa, passando para a esfera da palavra escrita, com o objetivo de ser lida.

Segundo Massaud Moisés (2004), existem, em relação ao histórico da lírica, dois grandes lapsos de tempo, limitados pela Renascença: o primeiro refere-se ao ato de a atividade poética ser destinada ao canto, acompanhada pela lira ou, no decorrer da Idade Média, por instrumentos como por exemplo, a viola, o alaúde, o saltério e a guitarra; o segundo lapso de tempo diz respeito à separação entre a letra e a pauta musical, pois o poema lírico não estava mais destinado aos ouvidos e sim aos olhos, para ser lido. Apesar disso, o antigo vínculo resistiu. Embora o poema lírico não mais presume-se o canto, sua musicalidade conservou-se como característica constante.

Os gregos, ao distinguirem a poesia lírica, criada e executada por uma só pessoa, e a poesia córica, entoada por um coro, assinalavam como elemento básico do poeta

lírico, a preocupação com o próprio “eu”. Ou, tal como propõe Hegel (apud MOISÉS, 1974, p. 308):

O conteúdo da poesia lírica é [...] a maneira como a alma, com seus juízos subjetivos, alegrias e admirações, dores e sensações, toma consciência de si mesma no âmago deste conteúdo; com efeito, o que interessa antes de tudo é a expressão da subjetividade como tal, das disposições da alma e dos sentimentos, e não a de um objeto exterior, por muito próximo que seja.

Para Hegel (apud MOISÉS, 2004, p. 262), “o elemento subjetivo da poesia lírica revela-se mais explicitamente quando um acontecimento ou uma situação real se oferecem ao poeta de mero pretexto para exprimir o íntimo pensamento”.

Na poesia lírica, há sempre um “eu” que tece seu discurso, convertendo-se no subjetivismo que é atribuído a esse tipo de composição. Nesse contexto, faz-se necessário não confundir o eu lírico com o eu autobiográfico, pois o fato literário é construído no terreno da ficção, onde há uma certa tensão entre os elementos da realidade concreta e o imaginário, a fim de criar um outro espaço.

3. A figura multifacetada o “poetinha”

Vinícius de Moraes, popularmente conhecido como o “poetinha”, além de apresentar-se na história da literatura Brasileira, como um dos poetas mais enaltecidos, Vinícius também foi jornalista, dramaturgo, compositor e diplomata. Homem boêmio e de muitas amizades, o poeta se converteu a música popular brasileira, achando na música um lugar ideal para manifestar ainda mais seu lirismo, pois “O poeta, ao emprestar seu coração à música, se transforma numa fronteira”. (CASTELLO, 1994, p. 200)

Para se entender melhor a obra de Vinícius, é necessário conhecer também um pouco da vida do poeta e saber que as próprias experiências podem ter influenciado em suas composições e que certamente os amores vividos lhe serviram de inspiração.

Como poeta, o seu grande tema sempre foi a mulher e o amor em seus múltiplos significados e em seus mais variados tons. “Vinícius enfrentou os grandes dramas do ser humano, ousou falar de suas fraquezas, negou a superioridade masculina e viveu como cantou, casando-se nove vezes”. (CASTELLO 1994, p.17).

Carioca, Marcus Vinícius da Cruz de Melo Moraes nasceu no dia 19 de outubro de 1913. Advindo de um terreno fértil, seus pais Clodoaldo Pereira de Moraes e Lydia Cruz de Moraes eram artistas, sendo inspiração para o poeta.

Em 1929, tornou-se bacharel em Letras pelo Colégio Santo Inácio; e no ano seguinte, ingressou na Faculdade de Direito da Rua do Catete onde se formou em 1933. Esse período demarca o início da carreira literária do autor, abordando uma temática mais religiosa. O poeta segue uma aliança com o Neo-Simbolismo, o qual traz uma renovação católica da década de 30.

“As transfigurações da montanha” foi seu primeiro poema publicado em (1932). Em 1941, retornou ao Brasil empregando-se como crítico de cinema no jornal "A Manhã" e em 1943, ingressou na diplomacia.

Vinícius de Moraes dividia-se nas décadas de 1950 e 1960 entre suas peças de teatro dando enfoque a sua primeira e mais famosa peça, Orfeu da Conceição, em 1956, Como também a livros e carreira musical. Fez parcerias com diversos músicos, como Tom Jobim, Toquinho, Chico Buarque e Nara Leão, ganhando destaque como compositor de MPB e samba. Apresentou sua primeira e mais famosa peça, Orfeu da Conceição, em 1956.

No dia 09 de julho de 1980, aos 66 anos, Vinícius morreu de edema pulmonar, em sua casa no Rio de Janeiro, deixando na sua trajetória de vida o legado de um homem e poeta lírico, onde por muitas vezes trazia a cerne um discurso amoroso de fácil identificação e inspiração aos seus leitores.

4. A produção poética de Vinícius de Moraes

Vinícius começou a escrever ainda muito jovem eclodindo entre (1913-80). Sua trajetória poética inicia-se em 1933, com a publicação de O caminho para a distância, no qual se faz notar a “poesia do espírito”, com uma clara inquietação do eu. A primeira, mística e transcendental, é resultado de uma formação nitidamente cristã, começa com seu primeiro livro de poemas O caminho para a Distância. Este período configurava-se como a primeira fase de Vinícius. Neles é clara a presença da temática de cunho religioso. Sua poesia, entretanto, “oscila entre as angústias do pecador e o desejo libertino” (BOSI, 2003, p. 459).

Alfredo Bosi (1994, p. 558-559) afirma sobre o “poeta”:

Os primeiros livros de Vinícius de Moraes foram escritos sob o signo da religiosidade neo-simbolista que marcou o roteiro de Schmidt; mas a

urgência biográfica logo deslocou o eixo dos temas desse poeta lírico por excelência para a intimidade dos afetos e para a vivência erótica.

Segue com *Forma e exegese* (1935), publicado quando o poeta contava 21 anos de idade e com o qual ganhou o prêmio “Filipe de Oliveira”. Nesses dois primeiros livros, é notória a presença do verso livre, que foi difundido e consolidado pelos poetas modernistas, mas com um tom empostado e permeado pela retórica, à moda de Augusto Frederico Schmidt.

Em 1936, publica *Ariana, a mulher*. Nesse livro e em *Forma e exegese*, a ausência de sonetos confirma a opção de Vinicius de Moraes pelo verso longo, de ritmo largo.

Os livros *o caminho para a distância, forma e exegese* e *Ariana, a mulher* foram agrupados sob o título *O sentimento do sublime*, na publicação de *Poesia completa e prosa*, com primeira edição em 1968, editada pela Nova Aguilar, sob a responsabilidade do crítico literário Afrânio Coutinho e com a anuência do poeta.

A última publicação poética de Vinicius de Moraes, na década de 1930, foi *Novos poemas* (1938). Sobre o livro, Mário de Andrade (apud Ferraz, 2006, p. 31) afirmou: “o livro tem uma série de interessantíssimos sonetos”. A epígrafe “Todos os ritmos, sobretudo os inumeráveis”, extraída do poema *Poética*, de Manuel Bandeira, abre o livro. Nele, os poemas metrificados e rimados estão ao lado de versos curtos e brancos, e a presença de estrangeirismos convive com a fala tipicamente brasileira. Há diversidade de ritmos e formatos, fusões inesperadas, e se notam tanto a altivez romântica quanto a presença da oralidade e do registro coloquial.

Em 1943, publica *Poemas, sonetos e baladas*. Em seu título, traz a importância dada ao soneto, tão presente em sua obra poética. Em relação à forma “poema”, esta justifica sua especificidade no conjunto, ou seja, na diferença desta no que concerne às duas outras, o soneto e a balada. Esta última, presente em *Balada de Pedro Nava*, *Balada das meninas de bicicleta*, *Balada da praia do Vidigal*, entre outras, não se apresentam de forma fixa, embora a musicalidade dos versos e seu conteúdo narrativo se façam notar.

A exemplo de outros poetas modernos, como Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes fez sua própria leitura dessa modalidade lírica – a balada, imprimindo-lhe um modo livre e pessoal. Apenas o soneto, portanto, apresenta-se com a característica que lhe é peculiar, ou seja, a forma fixa. É ainda nesse volume de poemas que surge o *Soneto de fidelidade*, um dos mais conhecidos e citados da literatura brasileira.

Na Antologia Poética, publicada em 1954 e reeditada em 1960, foram incluídos alguns poemas inéditos como, por exemplo, A pêra que, pelo seu distanciamento emotivo, conforme observa Eucanaã Ferraz (2006, p. 41): “pode ser pensado como uma radicalização do Soneto de separação. O soneto “A pêra”, assemelha-se ao que, na pintura, convencionou-se a ser denominado de natureza-morta, a exemplo do poema Maçã, de Manuel Bandeira.

Após a publicação de Antologia poética, Vinicius de Moraes reuniu seus sonetos que haviam sido publicados em livros e periódicos em um único volume, ao qual deu o título de Livro de sonetos (1957). Nessa obra, sua intimidade com o soneto atingiu o ápice de visibilidade e, conforme observa a escritora Renata Pallottini (apud FERRAZ, 2006, p. 45), o poeta modernista pode ser considerado, historicamente, como o “regenerador do soneto depois da Semana de 22”.

A obra vinicianiana é extensa, e suas publicações não se resumem às acima citadas. No entanto, a proposta aqui esboçada é a de apenas tecer breves comentários a respeito de algumas publicações feitas entre os anos de 1933, quando de sua estreia no cenário literário brasileiro, e 1954, data em que foi publicada a Antologia poética.

1.

5. O Amor em Vinicius de Moraes

Eu nasci marcado pela paixão, Pedro, meu filho... E porque por ela nasci marcado, a ela me entreguei sem remissão desde menino, e o primeiro gesto que fiz foi buscar um seio de uma Mulher...

Vinicius de Moraes

Uma das funções da literatura é a representação das paixões e, um dos fatos que comprova a universalidade do sentimento amoroso, é a existência de vasto material literário, cuja temática central é o amor.

O amor por muitas vezes configurou-se como tema central nas narrativas, uma vez que o acervo de obras literárias que expõe o romance, enaltecendo as histórias de amor é vasto. Em algumas épocas, se revestiu de um sentimento exacerbado ou sublime, como no Romantismo, e em outras assumiu formas diluídas na velocidade do progresso, a exemplo do Modernismo.

Seja na prosa ou na poesia, o discurso amoroso se faz presente. Shakespeare, em seu romance Romeu e Julieta, expõe seu discurso na medida em que desenvolve o enredo, apresentando como fio condutor a história de amantes, sendo este um clássico

de grande proporção da literatura universal. Na literatura brasileira temos Augusto e Carolina – A Moreninha, de Joaquim Manuel de Macedo; Hermano e Amália – Encarnação, de José de Alencar; Paulo Honório e Madalena – São Bernardo, de Graciliano Ramos, dentre tantos outros que exprime sobretudo um discurso amoroso facilmente identificado.

Na poesia, o amor foi e continua sendo fonte inesgotável de inspiração para os poetas. Mesmo aqueles que entraram para o cânone por suas poesias de cunho indianista, nacionalista ou social, como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Castro Alves, reservaram em suas respectivas obras espaço para o discurso lírico-amoroso evidenciando a importância de existencialidade deste.

A respeito da linguagem amorosa e dos símbolos utilizados para representá-la, nos remetemos a Roland Barthes (2003) que, em Fragmentos de um discurso amoroso, se propõe a dar voz ao “eu”, “através de uma enunciação, não uma análise”. Ao falar de si mesmo, esse sujeito, diante do outro, ou seja, “o objeto amado”, constrói um discurso amoroso.

O discurso amoroso que se estabelece nas poesias de Vinícius é extremamente notável. O poeta apresenta uma alta sensibilidade expondo suas experiências de vida, amorosa, onde o eu poético flui de um modo natural, e sobretudo, com um alto grau de lirismo, que fazem os leitores se identificarem.

A voz poética presente no discurso lírico-amoroso de Vinicius remete a uma concepção de amor diversa da dos poetas modernistas, uma vez que é permeada por características que a identificam com a lírica tradicional. Em 1956, Octávio Mello Alvarenga, concluiu que o cerne poesia de Vinicius é a lírica amorosa. Cantar o amor e exaltar a mulher amada são atitudes que aparecem com bastante frequência na obra do poeta. E isso fica ainda mais claro com a leitura de seus sonetos que, de certa forma, cristalizam sua visão sobre o conhecimento.

Ao pensar a poesia amorosa de Vinicius de Moraes, o amor surge como a chave que abre sua poética para além da simples leitura de um ou mais poemas. É como se por detrás de cada verso fosse possível visualizar um fragmento da paixão que levou o poeta a traduzir não apenas o sentimento do eu poético, mas algo além do indecifrável, como uma persistente identificação que há entre o que lemos e o que efetivamente sentimos.

Impossível falar da lírica amorosa de Vinicius de Moraes sem abordar o seu objeto de inspiração: a mulher. Aliás, em se tratando do “poetinha”, pode-se, com absoluta certeza, afirmar que foram várias as faces femininas que permearam sua

poesia, intimamente ligada a sua vida. Musa desde os trovadores medievais, a temática do amor pela mulher tornou-se elemento recorrente na literatura ocidental, principalmente na poesia. Não é sem razão que o poeta relata: “Fui salvo pela mulher”.

Falar em Vinicius de Moraes é, sobretudo, situá-lo no espaço entre a paixão e a poesia. E nele, especificamente, a paixão se converte em gênese da poesia. Poesia que, segundo Leminski (1987, p. 290), “é o amor entre os sons e os sentimentos. Ela já é na sua substância, intrinsecamente, ela já é amor, já é aproximação, no sentido que é amor entre os sons e os sentidos [...]”. Aos poetas, cabe a tarefa de encontrar na palavra algo expressivo em grau de poder captar a essência dos sentimentos, pois a poesia é tecida de metáforas e alusões, da linguagem simbólica que traz em si a necessidade de remeter a outras ideias, construir outros discursos.

Na obra vinicianiana, é exatamente a paixão que alicerça o terreno fértil de sua poesia lírico-amorosa, funcionando como moto-contínuo entre o fazer poético e a tradução clara, precisa do sentimento que aflora do eu poético. Se fosse possível transmutar uma definição do poeta em algo objetivo, ou mesmo equacioná-lo em uma sentença matemática, talvez esta pudesse ser: Vinicius, adicionado à paixão, resultaria em, simplesmente, poesia.

Na linguagem utilizada pelo o poeta o amor surge como a chave que abre sua sensibilidade poética para além da simples leitura de um ou mais poemas. É perceptível por trás de cada verso, seja possível visualizar um fragmento da paixão que levou o poeta a traduzir não apenas o sentimento do eu poético, mas algo além do indecifrável, como uma persistente identificação que há entre o que lemos e o que efetivamente sentimos.

Mas como seria esse amor tão fortemente marcado na lírica de Vinicius? Segundo David Mourão Ferreira, Vinicius de Moraes não conseguiu se libertar do conceito de “amor cortês”, de vassalagem amorosa que exalta a mulher em seus direitos e sua dignidade. “Por isso, a mulher jamais representa, na sua obra, o simples corpo que proporciona prazer – mesmo quando ele julga procurar-lhe o corpo, mesmo quando supõe que só a busca do prazer o move.”

Amor platônico? Cortês? Sensual? Talvez Vinicius procurou a confluência das mais variadas formas de amar para encontrar o seu amor total, que consegue unir o vão momento e o infinito, o corpo e a alma, o homem e a totalidade. Se, como asseverou o professor Antonio Candido, cabe a Vinicius de Moraes a criação de

um léxico do amor físico que suprime qualquer diferença entre ele e o que é julgado não físico, não é possível classificá-lo simplesmente como erótico ou platônico. Aliás, a beleza desse grande amor cantado por Vinícius reside justamente na impossibilidade de rotulação, sua força vem da necessidade de compreendê-lo como uma especificidade de sua obra poética.

Na conclusão dessas breves notas acerca do amor, retomamos o discurso de Barthes (2003, p. 161), segundo o qual “querer escrever o amor é afrontar o atoleiro da linguagem: esta região desesperada em que a linguagem é ao mesmo tempo muito e muito pouco, excessiva [...] e pobre”. Ainda de acordo com o teórico, o excesso se dá por conta da expansão sem limites do próprio “eu” e sua imersão de cunho emotivo. Sob esse aspecto, pode-se dizer que escrever sobre o amor é apenas mais uma tentativa de traduzir a complexidade que envolve seus meandros, suas causas e suas consequências.

6. Soneto de Fidelidade

Vinícius manifestou sua escrita por meio de várias formas literárias. O poeta que em seus primeiros livros, estava afogado nos longos versos retóricos, contornou esse problema percebendo que sua poesia precisava de uma forma capaz de disciplinar seus impulsos naturais e de expressar sua veia mais lírica e, dentre as formas fixas que começou a utilizar, o soneto é a que traduz sua maior força. Logo, é no soneto em que Vinícius se sobressai. Por meio de um modelo camoniano, é nítido como o autor utiliza por meio da estrutura de um soneto um lugar ideal para expor a sua linguagem poética rica.

O soneto de fidelidade, exposto no livro “Poemas, Sonetos e Baladas” (1946), tornou-se a produção literária do autor em questão, mais enaltecida por críticos e leitores, buscando reafirmar ainda mais o discurso amoroso facilmente identificado em Vinícius. Desde adolescentes, jovens, adultos, o soneto já foi recitado por muitos por trazer a cerne uma temática universal, o amor/paixão.

É indubitável que o soneto de fidelidade trata-se de um poema que se dá por várias vertentes de interpretação. Por ser o foco dessa pesquisa, é crucial destacar que a visão exposta na interpretação não é única, logo cabe ao leitor não deter-se apenas a mesma.

Soneto de Fidelidade

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento.

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

A partir da leitura do soneto, abordou-se seis aspectos analisados por meio de uma método descritivo e interpretativo, sendo eles:

- **Alvo da fidelidade:** ao falar de fidelidade no soneto, Vinícius não buscou como prioridade citar especificamente alguém, ou até mesmo uma experiência amorosa, mas sim, pretendeu abordar o sentimento amor, prometendo-o fidelidade, para que esse seja um amor fiel.
- **Divisão do soneto em duas partes:** essa divisão se dá por meio de uma roupagem positiva e negativa. Nas duas primeiras estrofes do quarteto, pode-se notar como o amor é exposto de um modo mais positivo. Visto como um sentimento bom que tem que ser vivido de modo intenso, intensidade essa que promove os cuidados com a pessoa amada, frisando que não importa o que venha eclodir ou se outras circunstâncias afetivas da vida venham surgir, a pessoa amada tem que ser acima de tudo, o motivo pelo qual o pensamento se encante mais.

Nos dois últimos tercetos, nota-se de fato uma visão mais negativa sobre o amor, uma vez que o autor aborda aspectos como: morte, solidão e angústia. Frisando sobre a

efemeridade das coisas, e as inconstâncias da vida, sabendo que a morte é a única certeza que tem-se. Assim o autor busca expor como os relacionamentos podem vir chegar ao fim, e por isso a importância de viver esse relacionamento de modo intenso, “que seja eterno enquanto dure” de modo a ser vivido fielmente.

- **Visão modernista sobre o amor:** Apesar do soneto abordar aspectos característicos do período romântico, como o sentimentalismo e o subjetivismo, o autor busca expor sobretudo uma visão moderna sobre o amor, uma vez que ele não é caracterizado como um sentimento idealizado, onde as pessoas apresentavam uma fragilidade exacerbada, mas um amor fiel a circunstâncias, um amor real onde os sujeitos tenham consigo o discernimento de que aquele sentimento não será eterno, podendo acabar, e isso não tira desses sujeitos a vontade de amar outra pessoa, visando o amor como um sentimento que se regenera. Logo, o autor aborda uma fidelidade extrema no soneto. As relações amorosas não se viam de modo análogo aos contos de fadas, existindo o amor perfeito e um final, mas um amor real, cheio de imperfeições e fim.

- **Universalidade:** Ao trazer a cerne a temática amor, o autor automaticamente torna o soneto em temática universal, por abordar um sentimento que não limita-se apenas ao eu poético, independente dos padrões culturais. Nesse sentido torna-se evidente o porquê de os leitores se identificarem tanto com o discurso amoroso presente no soneto, pois é algo vivido por todos.

- **Linguagem moderna:** Vinícius foi uma autor de técnicas literárias ricas. No soneto de fidelidade é notável observar como os arranjos das palavras são bem articulados. Ademais, apresenta uma linguagem simples e de fácil entendimento, tornando a interpretação possível a todos os leitores.

- **Discurso amoroso:** As produções literárias de Vinícius, especificamente da segunda fase, aborda temas mais ligados às relações fraternais. O amor, advindo de suas relações amorosas, foi altamente exposto na escrita do poeta, evidenciando assim, o discurso amoroso utilizado pelo mesmo. No soneto de fidelidade, esse discurso é extremamente notável no sentido de que o autor aborda esse sentimento vasto, chamando a atenção dos leitores para tal.

7. Soneto de Fidelidade nos Manuais de Literatura

A Literatura é uma área de conhecimento de suma importância para a formação e desenvolvimento humano, não somente pela gratuidade e entretenimento que a ficção proporciona, mas por possibilitar aos leitores refletirem, porque vivenciam situações que são da ficção, mas que tem inspiração na condição humana, isto é, é na vida real das pessoas que os autores recontam essas experiências, ora valendo-se apenas do realismo cotidiano, ora do mundo maravilhoso e fantástico, Coelho (1997).

Cândido (1995), afirma que a Literatura desenvolve em nós a sensibilidade, tornando-nos mais compreensivos, reflexivos, críticos e abertos para novos olhares e possibilidades diante da nossa condição humana. A leitura literária permite-nos refletir sobre o mundo em nossa volta, abrindo nossos horizontes, ampliando os conhecimentos, possibilitando novas perspectivas.

Nos manuais de literatura, o soneto de fidelidade de Vinícius de Moraes, é bastante enaltecido. Abordar a temática amor com os jovens, é sobretudo, direcioná-los, diante toda a fragilidade humana, além de ampliar e enriquecer os estudos na área de literatura.

Cereja (1995, p. 405), expõe o soneto da seguinte forma:

1- Observar a construção do texto, o tipo de composição, a métrica dos versos, o vocabulário e a sintaxe. Identifique a que representantes da tradição literária estão ligados, justificando os elementos do texto.

2- No texto II, o eu lírico jura fidelidade à pessoa amada, seja nos momentos de dor, seja-nos de alegria. A respeito os tercetos do poema:

a) Explique o que significam, para o eu lírico, a morte e a solidão.

b) Interprete a metáfora presente no verso “Que não seja imortal, posto que é chama”.

c) Identifique o conceito de fidelidade para o eu lírico.

d) Dê uma explicação coerente ao emprego dos parênteses no verso “Eu possa me dizer do amor (que tive)”.

3- Identifique e exemplifique com passagens do soneto, quais as figuras de linguagem utilizadas pelo autor, na construção do texto.

Considerações finais

Com base no que foi exposto nesta pesquisa, pode-se concluir que Vinícius de Moraes surpreende, não apenas pela capacidade de atualizar a lírica de Camões, mas, sobretudo pela capacidade do poeta de alcançar e falar de uma maneira densa e ao mesmo tempo pura e concentrada de amor, se valendo de uma forma fixa de poesia que ele modernizou. Vinícius deixou um legado que ainda carece de estudos, pois precisa ser mais lido e explorado, até mesmo porque o lirismo e a expressividade de suas composições nem sempre são inteiramente compreendidas.

Algumas características vinicianas foram observadas no Soneto de fidelidade e foi possível identificar como a forte presença do amor, é exposto e constante nas obras deste poeta. Através do discurso amoroso do autor, compreendeu-se como ele vê esse sentimento, a maneira como ele o descreve, reforçando, sempre, a intensidade do amor, a sua preocupação com o amor, sendo este sentimento o combustível responsável para o surgimento de suas poesias.

É notável perceber, que mesmo muito tempo depois de sua morte, o poeta ainda permanece vivo nas gerações atuais, pois como bem pontuou Carlos Drummond de Andrade: “independente de modas e teorias novas, eu acredito que a poesia dele sobreviverá, pois responde a apelos e necessidade do ser humano”. A partir disto, torna-se nítido que em Vinícius, aflorava a verdadeira arte de romper a alma através da poesia e continua sendo uma artista inconfundível.

Referências

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Roland Barthes).

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Vinícius de Moraes, poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1998.

CASTELLO, José. **Vinicius de Moraes: o Poeta da Paixão** - uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Literatura Brasileira : 2 grau**. Tereza Analia Cochar Magalhães. São Paulo, 1995.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cultrix, 2004.

MORAES, Vinicius de. **Poemas Sonetos e Baladas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1946.